

À BEIRA DA EXTINÇÃO

*memórias de trabalhadores cujos ofícios
estão em vias de desaparecer*



UFPEL

Reitoria

Reitor: *Mauro Augusto Burkert Del Pino*

Vice-Reitor: *Denise Petrucci Gigante*

Chefe de Gabinete: *Margarete Marques*

Pró-Reitora da Graduação: *Álvaro Luiz Moreira Hypolito*

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: *Luciano Volcan Agostini*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Denise Marcos Bussoletti*

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: *Luiz Osório Rocha dos Santos*

Pró-Reitor Administrativo: *Antônio Carlos Cleff*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Ediane Sievers Acunha*

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas: *Sérgio Eloir Teixeira Wotter*

Conselho Editorial

Pres. do Conselho Editorial: *Prof. Aulus Mandagará Martins*

Repr. das Ciências Matemáticas e Naturais: *Prof. Leonardo da Silva Oliveira*

Repr. das Engenharias e Computação: *Prof. Darci Alberto Gatto*

Repr. das Ciências Biológicas: *Prof.ª Marines Garcia*

Repr. das Ciências Médicas e da Saúde: *Prof. Francisco Augusto Burkert Del Pino*

Repr. das Ciências Agronômicas e Veterinárias: *Prof. Carlos Eduardo Wayne Nogueira*

Repr. das Ciências Humanas: *Prof. Jarbas Santos Vieira e Prof.ª Carla Gonçalves Rodrigues (suplente)*

Repr. das Ciências Sociais Aplicadas: *Prof. Jovino Pizzi e Prof.ª Francisca Ferreira Michelin (suplente)*

Repr. das Linguagens e Artes: *Prof.ª Ursula Rosa da Silva e Prof.ª Mirian Rose Brum de Paula (suplente)*

À BEIRA DA EXTINÇÃO

*memórias de trabalhadores cujos ofícios
estão em vias de desaparecer*

(Orgs.)

Lorena Almeida Gill

Micaele Irene Scheer

Pelotas, 2015





Filiada à A.B.E.U.

Rua Lobo da Costa, 447 - Térreo
CEP 96010-150 - Pelotas - RS
Fone +55 53 32278411 - editora.ufpel@gmail.com

Direção

Aulus Martins
Diretor
Gustavo Andrade
Chefe do Núcleo de Operações
João Bordin
Chefe Seção Produção

Seção Produção

Alexandre Moreira, Gilberto Costa,
Marcus Neves, Nôris Silveira
Impressão/montagem/acabamento

Seção Pós-Produção

Eliana Braz, Morgana Riva
Livraria

Seção de Pré-Produção

Isabel Cochrane, Luciana Vasconcelos
Administrativo
Gilnei Tavares, Rosendo Caetano
Criação/Edição
Anelise Heidrich
Revisão
Susane Anadon
Projetos Educacionais
Juliane Nachtigall, Bruno Silvino, Karina
Dias (criação/edição)
Bolsistas/Estagiários

Revisão: Anelise Heidrich
Arte da Capa: Fabrício Bassi
Ed. Elet. e Proj. Gráf.: Fabrício Bassi -
www.bassi.pro.br
Fotografias: Vinícius Kusma

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca: Kênia Bernini – CRB-10/920
(Biblioteca do Instituto de Ciências Humanas - UFPel)

B422 À beira da extinção : memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer
/ Organização Lorena Almeida Gill, Micaele Irene Scheer – Pelotas: Ed. UFPel,
2015.

128 p.: il.

ISBN: 978-85-7192-972-2

1. Trabalho - História. 2. Trabalhadores - Memórias. 3. Rio Grande do Sul –
História. I. Gill, Lorena Almeida, org. II. Scheer, Micaele Irene, org.

CDD 981.65 / 331.09

*O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente
sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os
caminhos, para nos fazerem parentes do futuro.*
Mia Couto, em Terra Sonâmbula



SUMÁRIO

Apresentação • 7

Introdução • 13

Os trabalhadores gráficos e os ofícios em extinção • 15
*tipógrafos e litógrafos no acervo da Delegacia Regional do Trabalho
do Rio Grande do Sul, 1933-1943*

ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES

BIANE PEVERADA JAQUES ANTUNES

Sangue de nossas veias • 29
os quase invisíveis mineiros de carvão no Rio Grande Do Sul

CLARICE GONTARSKI SPERANZA

Os estivadores debatendo direitos • 45
na Justiça do Trabalho de Pelotas (1940-1941)

JORDANA ALVES PIEPER

Fora dos trilhos • 57
a profissão de motorneiros e sua extinção

TAMIRES XAVIER SOARES

À moda dos alfaiates • 71
nuances de um ofício artesanal na cidade de Pelotas

MARCIELE AGOSTA DE VASCONCELLOS

Sapateiros pelotenses • **87**
reflexões a partir das memórias de mestres sapateiros
MICAELA IRENE SCHEER

Trajetórias de benzedores negros • **101**
ao sul do Brasil
LORENA ALMEIDA GILL
LÓREN ROCHA

Parteiras pampeanas e seus saberes de ofício • **113**
deslizar placentas, queimar umbigos e fechar corpos
EDUARDA BORGES DA SILVA

SANGUE DE NOSSAS VEIAS

*os quase invisíveis mineiros de carvão no
Rio Grande Do Sul*

CLARICE GONTARSKI SPERANZA
Pós-Doutoranda em História (UFPel)



O terrível acidente da mina de cobre e ouro de San José, ocorrido em 2010 no Chile, deixou soterrados 33 mineiros durante mais de dois meses e fez o mundo recordar um ofício já quase esquecido. Presos por um desmoronamento de terra a quase 700 metros de profundidade, os trabalhadores chilenos emergiram das profundezas depois de uma demorada e arriscada operação de socorro, cujo desfecho foi transmitido ao vivo. “Ressuscitados”, os mineiros encarnaram heróis modernos – fortes o suficiente para suportar a claustrofóbica iminência da morte, porém resignados estoicamente diante das forças da natureza.

Longe de ser apenas uma contingência daquele momento dramático, essa incongruência básica poderia ser considerada a síntese desse ofício. A extrema coragem para enfrentar o cotidiano no qual a sombra da destruição nunca deixa de estar presente soma-se, paradoxalmente, a uma paciência incomum diante de sorte tão desventurada e, talvez, de sua própria invisibilidade social. Depois de viver um período com os mineiros da Inglaterra, nos anos 40, o escritor britânico George Orwell sintetizou: o trabalho dos mineiros era “extraordinariamente terrível”, e, no entanto, “tão distante da nossa experiência, tão invisível, que somos capazes de esquecê-lo, assim como esquecemos do sangue em nossas veias” (ORWELL, 1986, p. 34).

O caso dos mineiros de carvão do Rio Grande do Sul confirma a reflexão de Orwell. Hoje poucos se recordam da massa humana, de diferentes origens e etnias, que povoava as vilas mineiras de Arroio dos Ratos, Butiá, Minas do Leão e posteriormente Charqueadas, nas proximidades de Porto Alegre. Entre o final do século XIX e meados do XX, porém, a região simplesmente comandou a produção nacional de carvão no País. Depois da II Guerra Mundial, mesmo perdendo a liderança da produção para Santa Catarina, o carvão permaneceu como importante motor da economia rio-grandense, principalmente pelas minas de Charqueadas.

O fechamento das minas subterrâneas, em fins do século XX, mudou o perfil da produção e dos mineiros. Nos dias atuais sobrevive a exploração do minério a céu aberto, com um número reduzido de trabalhadores, e a máquina sobressai-se ao homem. Desapareceu por aqui o mineiro “clássico”, o das alpargatas e do lampião, o mineiro do subterrâneo, aquele que trabalhava feito tatu, embaixo da terra, sob isolamento e risco iminente de acidentes. Assim, pode-se falar dos mineiros de carvão como um ofício em extinção no Rio Grande do Sul; ou melhor, em acentuada transmutação.

A decadência econômica da chamada região carbonífera acabou fazendo com que a rica experiência dos trabalhadores das minas subterrâneas tenha sido virtualmente apagada da memória oficial, só não desvanecendo totalmente graças à resistência das

comunidades e ao empenho de historiadores locais.¹ Nos últimos anos, porém, uma série de estudos acadêmicos tem tentado modificar este quadro, debruçando-se obre aspectos culturais, políticos e econômicos do tema, bem como lutando para preservar fontes de pesquisa.²

Este artigo visa a apresentar de forma sintética os mineiros de carvão do Rio Grande do Sul, com a intenção de identificar e refletir sobre alguns aspectos essenciais a seu processo de trabalho e de vida. Em primeiro lugar, o leitor será introduzido a um panorama geral da mineração de carvão do estado dos seus primórdios até o fim das minas subterrâneas; posteriormente, serão apresentados aspectos do cotidiano das minas no período considerado “áureo” da produção, os anos 40 e empreendido um esforço de compreensão dessas características.³

AS MINAS DE CARVÃO DO RS

Maiores produtores nacionais de carvão desde o início de sua exploração industrial no país, em fins do século XIX, até 1945, as vilas de Arroio dos Ratos e Butiá (a exemplo de Minas do Leão e Charqueadas, então pertencentes ao município de São Jerônimo), abrigavam, no início da década de 40, mais de 7 mil mineiros, formando uma das maiores concentrações de trabalhadores do país à época.⁴ O carvão tinha, à época, grande importância para a economia regional, alimentando a Viação Férrea do Rio Grande do Sul e abastecendo de energia elétrica a capital, Porto Alegre, então com cerca de 260 mil habitantes. Durante a II Guerra Mundial, o minério gaúcho chegou a ser exportado para outros estados brasileiros e para a Argentina e o Uruguai (MULLER, 1998, p. 123).

Para compreender melhor esse período, no entanto, é preciso voltar no tempo. A exploração do minério no estado se iniciou muitas décadas antes, no final do século XVIII. O período inicial de desbravamento das minas, com a identificação e mapea-

1 - Sobre esse fenômeno, é oportuno citar as discussões em torno do conceito de memória subterrânea, em POLLAK, 1989.

2 - No esforço para salvar fontes da destruição, vale ressaltar o trabalho do grupo “Uma luz no fim do túnel”, de salvaguarda do arquivo do antigo Cadem, cujo pioneirismo cabe aos historiadores Alessandro Witkowski e Tassiane Melo Freitas. Um dos primeiros trabalhos a nível acadêmico sobre os mineiros de carvão no Rio Grande do Sul coube a Cornélia Eckert, nos anos 80 (ECKERT, 1985).

3 - Este artigo é uma versão modificada do capítulo 1 de minha tese de doutorado, publicada em livro (SPERANZA, 2014), e acrescida de resultados recentes da pesquisa de pós-doutorado que desenvolvo atualmente no PPG em História da UFPel (“*Levantamento e análise de redes de relacionamento, migrações e trajetórias dos trabalhadores gaúchos, 1933-1943*”), sob coordenação do Prof. Dr. Aristeu Lopes, com bolsa Capes/Fapergs.

4 - Inspeção do Ministério do Trabalho encontrou 6.929 operários apenas nas minas de Arroio dos Ratos e Butiá, em dezembro de 1943. Documento anexo à reclamatória trabalhista 14/46 (fl. 96), acervo Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul.

mento dos afloramentos, é debitado ao mineiro britânico inglês James Johnson, trazido ao Brasil com esse intuito. Depois de mapear os afloramentos, Johnson mandou vir de Gales 10 famílias de mineiros para começar a produção, e fundou, em 1872, a primeira empresa de exploração de carvão no Brasil, a *Brazilian Collieries Company Limited*.

Dificuldades de transporte e de exploração do produto provocaram logo a falência da *Brazilian Collieries*, seguida pela sucessiva instalação de uma série de empresas na região. Mesmo incipiente, a produção de carvão já começava a chamar a atenção do Império. Tanto que, em 1885, a princesa Isabel visitou a vila de Arroio dos Ratos e inaugurou um poço de exploração do minério. Em carta aos pais, Isabel relatou que os filhos Pedro e Luís, ambos ainda meninos, haviam chorado diante da escuridão do subsolo. Referiu-se ainda à sensação de “opressão” que sentira, lamentando ainda “a sorte penosíssima dos mineiros obrigados a 8 horas de trabalho, por dia, nessas profundezas apertadas”.⁵

O primeiro registro de greve nas minas de carvão é de dez anos depois, já em tempos republicanos. Conforme relatório de 1895 da Companhia Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo (CEFMSJ, inaugurada em 1889), operários liderados por imigrantes europeus trazidos para as minas haviam se mobilizado no dia 1º de maio, com “bandeiras encarnadas e manifestações anarquistas”. Em junho seguinte, depois de “recrutar” trabalhadores nacionais (entre eles, meninos de 13 anos), os mineiros europeus deflagraram a greve, que durou 15 dias (RELATÓRIO, 1895).

Há relatos de outras paralisações ocorridas na década seguinte. Em 1916, os trabalhadores pediam a demissão de um mineiro apontado como causador de um acidente, a redução do preço da pólvora (explosivo usado na retirada das pedras de carvão das paredes das minas) e a abertura de um poço de ventilação. A segunda paralisação, em 1918, tinha como reivindicação o aumento de salário e a nomeação de um fiscal dos mineiros para controle do peso do minério (variável a partir da qual era calculado o salário) (PETERSEN, 1979, p. 294-298). Esses movimentos apontam para a insatisfação dos mineiros com as condições de trabalho e salários, e também para sua capacidade de mobilização.

A partir da I Guerra Mundial e a expansão das ferrovias no estado, ocorreu um aumento significativo da demanda pelo carvão. A primeira usina termoelétrica do país foi inaugurada em 1924, em Arroio dos Ratos. Em 1931, o Decreto Federal 20.889, do Governo Provisório de Getúlio Vargas, alavancou ainda mais o setor, ao definir um percentual mínimo de 10% para o consumo do carvão nacional em relação ao estrangeiro. No ano seguinte, o grupo paulista Martinelli adquiriu a propriedade de

5 - A carta da Princesa Isabel em visita às minas de Arroio dos Ratos (1885) faz parte do acervo do Museu Estadual do Carvão do Rio Grande do Sul e também é reproduzida no site oficial do hoje município. Disponível em http://www.arroiodosratos.rs.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=27862.

todas as minas da vila de Butiá e passou a explorar as jazidas de forma mais intensiva através da Companhia Carbonífera Rio-grandense.⁶ Greves em 1933 e 1934 levaram à formação do sindicato mineiro, unindo os trabalhadores de Arroio dos Ratos e Butiá (WITKOWSKI e FREITAS, 2006; KLOVAN, 2014).

O início do apogeu da produção ocorreu a partir da formação, em 1936, de um Consórcio que uniu a administração das CEFMSJ e a Companhia Carbonífera Rio-grandense, o Cadem. No mesmo ano, o Decreto Federal 1.828 aumentou o percentual mínimo de consumo de carvão brasileiro no País de 10% para 20%. Entre 1932 e 1939, 82% da produção nacional do minério vinham do Rio Grande do Sul, onde o Cadem era líder absoluto (BRAZIL, 1940/1941).

O recorde da produção de carvão na região foi alcançado em 1943, quando 1,34 milhão de toneladas do minério saiu do subsolo do Rio Grande do Sul (IBGE, 1946). Nesse período, também começou a decolar a produção de carvão na região de Criciúma, em Santa Catarina, que, destinada a abastecer os fornos da recém criada Companhia Siderúrgica Nacional, logo superaria a do Rio Grande do Sul.

A produção das minas rio-grandenses sofreu um abalo decisivo em 1944, quando o decreto dos 20% foi suspenso. Dois anos depois, já no Governo Dutra, a crise foi agravada pela retomada da competição com o carvão e o óleo combustível importados do exterior, pelo fim dos incentivos governamentais sistemáticos e pelo tabelamento dos preços do minério pelo Governo Federal. Greves e protestos dos mineiros em 1945, 1946 e 1949 tiveram ampla adesão. Em 1947, o Governo Estadual criou em Minas do Leão uma autarquia para a exploração do carvão, o Departamento Autônomo do Carvão Mineral (DACM), que deu origem, posteriormente, à Companhia Rio-grandense de Mineração (CRM).

Os anos 50 se caracterizam pelo crescimento do DACM, pelo abandono das minas (já então esgotadas) de Arroio dos Ratos e pela paulatina mudança da exploração principal do Cadem de Butiá para Charqueadas. Em 1953, Getúlio Vargas, em seu segundo mandato como presidente, autorizou a construção de uma usina termelétrica em Charqueadas. Os mineiros protagonizaram então diversas mobilizações, lutando pela efetivação dos direitos sociais definidos por leis que haviam entrado em vigor na década de 40, mas não eram ainda cumpridos.

Num contexto de diminuição crescente da produção, o Cadem foi incorporado pela Companhia de Pesquisa e Lavras Minerais (Copelmi) em 1964. Nos anos 70, houve tentativas de retomada mais intensa da exploração do carvão diante de um modelo energético de base hidroelétrica então em expansão no País e da progressiva importância da questão ambiental. Aos poucos, porém, as minas subterrâneas da região foram abandonadas pelas mineradoras e a extração se restringiu a minas de superfície.

6 - Posteriormente, em 1941, passou a chamar-se Companhia Carbonífera Minas do Butiá.

Atualmente, a produção de carvão no Rio Grande do Sul está totalmente restrita a minas de superfície, e ocorre em Butiá, Cachoeira do Sul e Charqueadas (Copelmi) e Candiota, Minas do Leão e Iruí (CRM).

OS TRABALHADORES DAS MINAS DE CARVÃO

Quem eram os mineiros de carvão do Rio Grande do Sul e como era o seu cotidiano? Diante das fontes hoje disponíveis, não é fácil encontrar respostas a essas perguntas. No Banco de dados da Delegacia Regional do Trabalho sob guarda do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel, que reúne os formulários para confecção da carteira de trabalho no Rio Grande do Sul, encontramos 472 fichas referentes aos mineiros de carvão no período 1933-1944. Embora reduzida em relação ao universo total de trabalhadores, essa amostra aleatória nos indica algumas particularidades interessantes.

Uma delas é a presença de estrangeiros: 39 das fichas são de empregados imigrantes. A maioria é oriunda da Espanha (15), seguida por Polônia (6), Portugal (4), Uruguai (4), Lituânia ou Rússia⁷ (4), Alemanha (2), Áustria (1), Romênia (1) Tchecoslováquia (1) e Hungria (1). Além disso, entre o total de 472 trabalhadores, 114 se identificaram ou foram identificados como negros ou pardos (pelo menos um espanhol foi identificado como “pardo”). Dentre os nacionais, a maioria é oriunda de municípios próximos das minas.

Sabemos que esses homens se defrontaram com um cotidiano particularmente difícil. Se nos restringirmos aos anos 40, o chamado período “áureo” da mineração de carvão no estado, podemos invocar o testemunho do líder sindical e deputado estadual pelo PCB Manoel Jover Telles, filho de imigrantes espanhóis. Telles assim definiu as condições de ofício em discurso na tribuna da Assembleia Legislativa, em 11 de julho de 1947.

Trabalha o mineiro num ambiente de completa insalubridade, aspirando o pó produzido pelas máquinas cortadoras e de perfuração, bem como a fumaça da pólvora e de dinamite originada pelas explosões; o mineiro trabalha quase no escuro, com os pés metidos na água, sem suficiente oxigênio necessário à sua vida, e em galerias baixas, o que o obriga a manter-se curvado por horas a fio, sem poder endireitar o tronco. O mineiro, para quem entra na mina pela primeira vez, aparece como um ser primitivo, selvagem, como o homem das cavernas (...) (TELLES, 1962, p. 276).

É importante lembrar que o discurso visava a impressionar os parlamentares e a opinião pública, mas a riqueza de detalhes confere veracidade ao quadro pintado pelo líder sindical comunista. Telles conhecia como ninguém as minas, pois havia começa-

7 - Oriundos de áreas sob litígio entre os dois países ou cuja cidade de origem não foi possível determinar.

do a trabalhar nelas aos 12 anos de idade.

Trabalha vestindo somente uma tanga como roupa, de alpercatas e muitas vezes descalço. É obrigado a satisfazer suas necessidades fisiológicas no próprio local de trabalho, pois não existe a aparelhagem sanitária indispensável, e é nesse ambiente, sem ar, fétido, que o mineiro tem de fazer a sua refeição, ou merendar. (TELLES, 1962, p. 276).

Uma série de relatórios de inspetores governamentais realizados nos anos 40 se aproxima dessa descrição. Conforme um deles, referente a uma inspeção feita por comissão do Ministério do Trabalho em 1944, os mineiros do subsolo em São Jerônimo estavam expostos permanentemente a riscos de acidentes e doenças, agravadas pelas precárias condições de trabalho. A comissão relatou, por exemplo, que as máquinas cortadeiras empregadas na abertura das galerias, ao rasgarem brechas na rocha, projetavam poeira e fragmentos de pedra sobre os corpos e os rostos dos operários que as manejavam. Não havia óculos de proteção ou máscaras.

Os mineiros desciam ao subsolo por elevadores abertos, as “gaiolas”, instalados junto às bocas dos poços. Em Arroio dos Ratos, as “gaiolas” não tinham rede de proteção, o que as tornava extremamente perigosas. No subsolo, os mineiros caminhavam ao longo das galerias escavadas na rocha, em sua maioria baixas e estreitas (o que os obrigava a andarem curvados por longas distâncias), até chegarem às frentes de serviço, onde efetivamente se dava a extração.⁸ Outra inspeção do Ministério do Trabalho realizada em 1943 encontrou galerias de até 16 quilômetros de extensão no subsolo das minas.

Nos anos 40, não havia luz elétrica nas galerias secundárias e nas frentes de serviço, e os operários trabalhavam com o auxílio de lâmpões de acetileno, cujo combustível precisava ser comprado (pelos mineiros) nos armazéns das minas. Nas frentes, permaneciam apenas de calção e “alpercatas”, também adquiridas nos armazéns, que até pelo menos o início da década eram de propriedade de acionistas das empresas. Ao chegar e sair, trocavam de roupa, pendurando suas vestes em postes de madeira.

As inspeções comprovaram que os mineiros evacuavam em reservatórios no formato de cubos, com 40 centímetros de altura, instalados a cerca de um metro um do outro.⁹ Cada cubo servia a 25 homens e só era esvaziado depois de cheio. A água de beber era armazenada em barris de ferro ou madeira, cada um com capacidade de cerca de 100 litros. A refeição fria das marmitas (café, pão, às vezes um pedaço de salame) era ingerida nas frentes de trabalho, em intervalos do serviço, não raro sob a

8 - O TRABALHO e a salubridade nas minas de carvão do “Cadem” – respostas ao questionário apresentado pelo dr. Octávio de Oliveira ao membro representante do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Carvão de São Jerônimo. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 10 de julho de 1944, p. 7. Acervo Museu Estadual do Carvão.

9 - O TRABALHO e... *op. cit.*

vigilância de ratos.

Essas péssimas condições de trabalho contrastam com a estrutura urbana montada pelas mineradoras nas vilas no mesmo período. Quem aportasse em Arroio dos Ratos ou Butiá nos anos 40 se defrontaria, talvez com certa surpresa, com um aparato de bem-estar social ofertado pelas mineradoras de fazer inveja a qualquer complexo fabril: hospital, maternidade, posto de puericultura, clubes, armazém, cooperativa, grupo escolar, times de futebol e até cinemas. Vivendo em moradias e terrenos de propriedade das companhias, os mineiros dispunham ainda de distribuição de energia elétrica, gerada pela queima do carvão. A dominação paternalista era a principal arma do patronato para garantir a adesão e a permanência do trabalhador nas empresas, e também para controlar todas as facetas de sua vida privada e familiar.¹⁰

Os mineiros desempenhavam diversos papéis dentro das minas, com responsabilidades e salários distintos. Os mais bem remunerados eram os furadores, responsáveis por cortar a rocha e extrair o minério. Geralmente o furador era também o “patrão” da galeria. Mineiros mais experientes e com maior conhecimento técnico, os “patrões” trabalhavam lado a lado com os outros, mas eram superiores hierarquicamente: coordenavam o trabalho das equipes responsáveis pela extração em cada galeria e recebiam das empresas pelo serviço, pagando aos trabalhadores sob seu comando.

Os furadores usavam máquinas como a cortadeira e o martetele, movidas a ar comprimido. Nos furos feitos na pedra com o martetele, os cartucheiros depositavam cartuchos de pólvora negra, que, ao explodirem, faziam a parede desmoronar. Os mineiros da extração eram os mais suscetíveis a adoecerem dos pulmões devido à poeira e outras substâncias tóxicas que se desprendiam da rocha.

Quando o carvão já estava extraído da rocha, entravam em cena os tocadores, que conduziam pelos túneis pequenos vagões com capacidade para 700 a 1.000 quilos de carvão. O penoso trabalho dos tocadores e de seus auxiliares (categorias mais numerosas entre os mineiros: em 1944, havia 1.440 tocadores e ajudantes de tocadores contra 350 furadores e 80 cartucheiros) era conduzir esses carrinhos por distâncias que variavam entre 100 a 300 metros, para engatá-los em um cabo de aço que os içava até a principal galeria (a “real”) da mina. Além do peso, esses operários enfrentavam percursos úmidos, o que os deixava suscetíveis a lesões cardiovasculares e reumatismos.

Outras funções desempenhadas por mineiros nos subsolos eram as de madeireiro, responsável pelas escoras de madeira que davam segurança às minas e preveniam contra desabamentos, e a de trilheiro, que realizava o avanço dos trilhos. A vigilância do trabalho cabia aos capatazes e a seus auxiliares, os sota-capatazes. Da “real”, o vagonete com o carvão era puxado, nos anos 40, por uma pequena locomotiva elé-

10 - Encontramos exemplos de dominação paternalista em diversas empresas do período. Dois exemplos são a Varig e a Renner (FORTES, 2004).

trica. Antes de chegar à superfície numa esteira, o minério precisava ser pesado. Fora do subsolo, entravam em cena os peneiros, que escolhiam o carvão, desprezando pedras e entulhos.

O processo de extração do carvão era, além de insalubre, de grande risco. O historiador local Benedito Veit colheu lembranças terríveis de acidentes em um livro no qual reúne 107 depoimentos de mineiros (VEIT, 1993). Antônio Garcia da Roca (começou a trabalhar em 1942, aos 22 anos de idade, e aposentou-se 14 anos depois, sempre em Arroio dos Ratos) contou ter assistido à morte de três colegas seus, motivada por um desabamento (VEIT, 1993, P. 7). Florenaldo José da Silva, o Simãozinho (cinco anos intermitentes como tocador em Butiá, nos anos 40 e 50) lembrou das mortes do colega Adão, no Poço 2, com a cabeça achatada por um carro; do colega Manuel, eletrocutado no Poço S-3; e o “pior de tudo”, o esmagamento do próprio irmão por uma pedra. Esse último acidente fez Florenaldo largar a mineração (VEIT, 1993, P. 39).

“O mineiro baixa à mina sem saber se volta vivo”, declarou Luiz José Coitinho, o Crespim (furador de 1945 a 1953) (VEIT, 1993, P. 10). Para Ildo França Meneghetti, que começou a trabalhar aos 12 anos, “baixar à mina era como despedir-se da família” (VEIT, 1993, P. 8). José Amorim de Abreu, que iniciou o ofício aos 11 anos, em 1927, relatou que, nos primeiros tempos, os superiores davam três apitos quando morria um mineiro, mas, por fim, escondiam o cadáver do colega para que a jornada não fosse interrompida (VEIT, 1993, P. 9).

Nos relatos dos mineiros, o risco desponta como companheiro a todo o momento. “Aqui o cuidado pela vida deve estar presente, se não quiser morrer. A gente morre como passarinho”, ouviu o militante comunista Joaquim Celso de Lima ao descer pela primeira vez nas minas do Butiá, em 1955 (LIMA, 1984, p. 59). Lima (que trabalhou dois anos na região) logo descobriu, porém, que a morte por acidente não era vista de maneira conformista, e sim despertava revolta.

Um desastre fatal em qualquer dos poços cria o maior alarma do mundo. A companhia, tanto quanto pode, procura esconder o cadáver; e os mineiros, quando se dão conta de que houve uma morte, ficam como loucos. Nessa hora, aqueles homens que se submetem a todos os arreganhos dos patrões são capazes de desobedecer até ao demônio que se antepõe aos seus sentimentos de solidariedade. Conseguem arrotar a vítima, levam-na para a superfície e arrebanham todo mundo, parando tanto o poço que produziu a morte como os demais da mesma unidade mineira. A cidade fica em guerra. (LIMA, 1984, p. 79)

Mesmo diante do perigo e das condições insalubres, era comum o “doble”, quando o operário trabalhava dois turnos seguidos para aumentar o seu salário. O próprio sistema salarial implantado pelas mineradoras incentivava os operários a realizarem o “doble”. Quanto mais eles trabalhavam e produziam, mais ganhavam. Os salários dos trabalhadores da extração (como os cartucheiros, trilheiros, madeireiros, tocadores e

ajudantes de tocadores) eram proporcionais à produção.

Em contraste a essas péssimas condições de trabalho, as mineradoras instalaram uma série de melhorias urbanas nas vilas, o que estimulava a fixação das famílias, como já mencionamos. Casas, água tratada, cinema, clube, posto de saúde, escola, campos de futebol eram todos controlados pelo Cadem com mão de ferro. A vida cotidiana dependia da submissão do mineiro aos chefes, como fica patente no depoimento do mineiro aposentado Juarez Lima.¹¹

Juarez Lima – A companhia era dona de tudo: da terra, da energia, das casas, do hospital... Até do cemitério. Uma sociedade paternalista. Tinha um painel que tinha, nominalmente, todos os nomes dos funcionários. O indivíduo era classificado pela assiduidade, pelo zelo com o equipamento, tudo aquilo que precisava muito bem, tinha. E lá no nome, tinha um sinalzinho verde. Qualquer necessidade que a companhia tivesse, ela consultava aquela lista.

Pergunta – Qualquer coisa, se consultava, então, ali?

Juarez Lima – Qualquer problema que alguém tivesse com a companhia, era consultada aquela lista. Tinha todos os dados e tinha também informações sobre o comportamento do cidadão. Os que tinham excelente comportamento, constava lá um aviso: “excelente”. (...) Tinha também a lista negra. Quem constasse na lista negra... Eram excelentes operários. Só que não se sujeitavam ao cabresto da administração. Que nem os clubes de futebol. Tinha o presidente. Mas antes de nomearem o atleta como presidente do clube, tinha de consultar a empresa. Se tivesse problema pela empresa, não podia ser. (LIMA, 2008)

O Cadem preocupava-se também com a qualificação da força de trabalho nas minas. Isso se evidencia pela instalação de escolas (como o Grupo Escolar Visconde de Mauá, em Butiá, com capacidade para atender 500 crianças, distribuição de merenda e assistência odontológica) e da escola técnica em convênio com o SENAI, implantada no ano de 1944 também em Butiá. Os alunos mais destacados nas escolas primárias tinham seus estudos custeados em ginásios de Porto Alegre. Do operário que recebia a “benesse” esperava-se, é claro, a fidelidade; afinal, era nessa relação de dom e contradom que se baseava o sistema de dominação vigente nas vilas mineiras.

Em relação à religiosidade, os historiadores locais relatam uma participação ativa do Cadem no financiamento e promoção das festividades e das igrejas católicas na região. O primeiro capelão de Arroio dos Ratos, Edmundo Rambo, registrou no Livro de Tombo da capela, em 1932, como era escasso o corpo de fiéis, o que contrasta com a concepção normalmente difundida a respeito de uma religiosidade “natural” dos mineiros. Conforme Rambo, “era ínfimo o grau de instrução religiosa existente” e a maioria das famílias vivia “em indiferença religiosa quase completa ou então en-

11 - Juarez Lima nasceu em 13 de dezembro de 1934, foi filho e neto de mineiros de Arroio dos Ratos, técnico eletricitista do CADEM, tendo trabalhado em Arroio dos Ratos e em Charqueadas. Ligado ao PTB e posteriormente ao PDT, foi vereador e prefeito de Arroio dos Ratos. Casado com Lourdes Lima, teve duas filhas. Faleceu em 2009. Além de vários textos sobre a história da mineração, sobre Alberto Pasqualini e sobre Leonel Brizola, produziu um volume em versos sobre a trajetória da região carbonífera e do mineiro, inédito. Foi entrevistado por mim em 2008.

tregues às práticas do espiritismo e do protestantismo” (SULZBACH, 1989, p. 132).

Para transformar esse quadro, a igreja contou com o apoio intenso das mineradoras, que financiaram a construção de templos como a Igreja Santa Terezinha (erguida em 1930 em Butiá) e a Capela de São José (inaugurada em 1944 em Arroio dos Ratos), e que promoviam anualmente a Festa de Santa Bárbara, santa padroeira dos mineiros. A criação da Paróquia de Santa Bárbara, em Arroio dos Ratos, por exemplo, prevista em decreto do então arcebispo Dom João Becker, em 1944, foi feita a pedido do principal executivo do Cadem, Roberto Cardoso.

A vida social nas comunidades mineiras costuma ser definida, na bibliografia, como marcada tradicionalmente por uma estrita divisão de espaços e atribuições entre os gêneros. “As atividades de lazer são predominantemente para homens, e há uma virtual ou definitiva exclusão das mulheres de diversas atividades sociais”, salienta clássico estudo sobre uma comunidade britânica carvoeira (DENNIS, HENRIQUES e SLAUGHTER, 1956, p. 248). Mesmo quando a mulher ocupava alguma função no processo de produção, sua participação era vista como acessória, sendo desvalorizada e transformada numa espécie de “adereço” quase invisível do trabalho masculino.

Curiosamente, esse papel restrito das mulheres parece ter se subvertido em alguns momentos no Rio Grande do Sul (apesar de as minas gaúchas nunca utilizarem mão de obra feminina, ao contrário das minas de Santa Catarina). Um exemplo são os episódios ocorridos durante a greve de 1946, quando mulheres de mineiros ganharam as ruas de maneira coletiva para afrontar homens não grevistas. Existem em processos judiciais trabalhistas referências a grupos de mulheres “cujo trabalho era o de atirar pimenta e sal no rosto dos que cercavam”, especialmente na fase final da greve.¹²

Em contraponto, ser “homem” nessa cultura era, antes de tudo, não se deixar dominar pelo medo, tanto dos colegas ou do patrão quanto da terra, dos acidentes, das explosões. Significava ser capaz de enfrentar cotidianamente (e coletivamente) a perspectiva desesperadora da morte e/ou da degradação física inerentes ao ofício. Vale notar que a masculinidade aparece entre os mineiros como sinônimo de coragem, bravura e autonomia, e não necessariamente de força física e exibição de músculos.

Entre os mineiros do Rio Grande do Sul, o mecanismo de sujeição à dominação encontrava forte apoio, paradoxalmente, na própria valorização que o trabalhador fazia de seu ofício, associado tradicionalmente à coragem (visto como atributo masculino) e ao heroísmo. Tais valores eram incentivados pelas mineradoras (porém outras qualidades tradicionalmente associadas ao trabalho nas minas, como autonomia e solidariedade de classe, eram vistas com bem mais restrições, por motivos óbvios).

12 - Depoimento de Wilson Cony da Costa. Processo 66/46 (caixa 3), fls. 23. Acervo do Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até meados do século XX, os diversos movimentos coletivos protagonizados pelos mineiros de carvão no Rio Grande do Sul afetaram diretamente a vida da população do estado e de regiões próximas. A concentração de milhares de trabalhadores não muito distante da capital, Porto Alegre, e o poder de deixar sem luz e/ou sem transporte cidades inteiras tornavam os mineiros uma força fabril incontestável.

Embora relevantes e numerosos, os mineiros viram seu ofício ser esquecido após o declínio econômico da exploração de carvão mineral, substituído por outras alternativas energéticas. Embora transformadas em municípios em fins dos anos 60, as antigas vilas não conseguiram frear sua decadência, amargando o êxodo crescente de gerações inconformadas com a falta de emprego. A região que antes recebia trabalhadores de todo mundo tornou-se exportadora de mão de obra.

A experiência dos mineiros de carvão do Rio Grande do Sul ilustra a convivência entre um sistema paternalista de dominação (que incluía a concessão de uma série de “benefícios” às famílias e a montagem de uma infraestrutura urbana considerável, acrescida de um controle estrito sobre a vida pública e privada dos trabalhadores) e condições desumanas de trabalho, chocantes até mesmo para os padrões dos anos 30 e 40. Diante dessa conjuntura, esses trabalhadores mostraram uma extraordinária capacidade de coesão, demonstrada na força de seus movimentos coletivos e de suas manifestações culturais e religiosas.

É preciso, porém, compreender que a existência dessa coesão – de resto alimentada pela necessária solidariedade entre homens ameaçados pela morte diariamente no trabalho – não excluía divisões. Elas são claramente visíveis quando se examina mais detidamente o cotidiano das minas, as diversas funções na produção, os conflitos intraclasse durante as greves ou mesmo a existência de diferentes clubes sociais nas comunidades, refletindo segmentações e segregações étnicas não confessadas abertamente.

Foram homens que viveram seu tempo, lutando pela sobrevivência diante de dificuldades que para muitos de nós seriam intransponíveis. A dureza do ofício os transforma em heróis, à primeira vista, mas cabe a nós compreendê-los como seres humanos, imperfeitos e complexos, sem os quais nossa sociedade seria hoje, certamente, muito diversa do que é.

FONTES

Acervo do Museu Estadual do Carvão – jornais e documentos.

Acervo do Memorial da Justiça do Trabalho no RS - Processos trabalhistas e livros de atas da Junta de Conciliação e Julgamento de São Jerônimo (1941-1954).

Banco de dados DRT - Acervo do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel.
BRAZIL 1940/41 – *An economic, social and geographic survey*. Ministério das Relações Exteriores: Rio de Janeiro, 1942.
IBGE - Anuário Estatístico do Brasil (Ano VI-1941-1945). Rio de Janeiro: IBGE, 1946.
LIMA, Juarez Adão. Entrevista realizada por Clarice Speranza na casa do depoente, em Arroio dos Ratos, em 4 de dezembro de 2008.
RELATÓRIO da Companhia Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo (reunião ordinária de 1895). Rio de Janeiro: Oficinas do Jornal do Brasil, 1895, p. 12-13. Acervo do Museu Estadual do Carvão.

REFERÊNCIAS

DENNIS, Norman; HENRIQUES, Fernando e SLAUGHTER, Clifford. **Coal is our life**. Londres: Tavistock Publications, 1956.
ECKERT, Cornelia. **Os homens da mina** – um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueadas/RS. Dissertação de mestrado – UFRGS/IFCH/PPG em Antropologia, Sociologia e Ciência Política, Porto Alegre, 1985.
FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito** – A classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas. Caxias do Sul/Rio de Janeiro: Educs/Garamond (Coleção ANPUH/RS), 2004.
KLOVAN, Felipe Figueiró. **Sob o fardo do Ouro Negro**: as experiências de exploração e resistência dos mineiros de carvão do Rio Grande do Sul na primeira metade da década de 1930. Dissertação de mestrado – UFRGS/PPG em História, Porto Alegre, 2014.
LIMA, Joaquim Celso de. **Navegar é preciso** – Memórias de um operário comunista. São Paulo: Diniz, 1984.
MULLER, Carlos Alves. **A história econômica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Grande Sul, 1998.
ORWELL, George. **A caminho de Wigan**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p. 3-15.
SPERANZA, Clarice Gontarski. **Cavando direitos** – as leis trabalhistas e os conflitos entre os mineiros de carvão e seus patrões no Rio Grande do Sul (1940-1950). São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2014.
TELLES, Manoel Jover. **O movimento sindical no Brasil**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1962.
WITKOWSKI, Alessandro e FREITAS, Tassiane Melo. **Sobre os homens desta terra** – A trajetória de fundação do sindicato dos mineiros de Butiá no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: ed. autores, 2006.
PETERSEN, Sílvia R. Ferraz. As greves no Rio Grande do Sul (1890-1919). In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (orgs.). **RS: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

SULZBACH, Ervino Lothar. **Arroio dos Ratos** – Berço da Indústria carbonífera nacional. Arroio dos Ratos: PBS, 1989;

VEIT, Benedito. **Mineiros, uma raça**. São Jerônimo: s/Ed, s/d.